

Paixão... e outras considerações sobre serviços educativos

Luísa Ricardo (*)

Estamos no fim do ano. Escrevo enquanto se discute o planeta na Conferência da ONU sobre Alterações Climáticas. Por aqui houve um sismo, correu-se para o twitter e outras redes sociais e não para a rua. A nível pessoal fazem-se retrospectivas e votos para 2010 acompanhados de uma íntima e esperançada determinação de melhorar/mudar a vida (“é desta que...”). É tempo de fazer compromissos, de olhar para o futuro.

O futuro? Esse lugar de utopias várias é hoje imprevisível. Deixámos de ter um único sentido. Abriu-se um universo de possíveis para o qual são necessários mediadores; sobretudo para possibilitar a multiplicação dos sentidos tendo em conta a apropriação diferenciada e reflexiva de cada ser humano. Citando uma imagem de Ken Robinson, investigador na área da educação, ninguém tem uma ideia de como será o futuro daqui a dez ou vinte anos e, no entanto, somos educados para ele num sistema de ensino que ainda esquece a multidimensionalidade e singularidade humanas.

Termina agora o Ano Europeu da Criatividade e Inovação. Deixando de lado encantamentos com um certo sublime tecnológico, celebrou-se o poder da imaginação e de ter ideias originais e com valor – algo que surge de uma inteligência múltipla (linguística, lógica, visual, cinestésica, musical, espacial, intra e interpessoal), interactiva (da relação com o mundo e com os outros) e contínua (ao longo de toda a vida). Acrescente-se também a paixão, sob a forma de uma capacidade de entrega e de empenho, alicerçada num conceito amplo de educação, onde componentes técnicas, estéticas e éticas se cruzam.

O conceito de mediação, ao qual um projecto educativo reporta é, em Portugal, relativamente recente. Um pouco por todo lado emergiram, em instituições culturais, serviços educativos, estruturas com denominações afins (uma questão não consensual) e projectos cuja área de trabalho se estende por intervenções com carácter e/ou intenção pedagógicas. O Algarve não é excepção. Nos últimos anos, surgiram teatros, museus, centros de ciência viva, centros de educação ambiental ou de interpretação do património, entre outros. Com missões diferentes procuram responder a projectos de mediação- estabelecendo relações possíveis entre cultura, arte, ciência, comunidade e cidadania e contribuindo para a descoberta e fortalecimento do potencial criativo pessoal.

O reconhecimento da importância destes serviços/projectos educativos exige a formação de pessoas com ferramentas necessárias para dar resposta à elaboração, coordenação e gestão de programas coerentes e sustentados. No final de Janeiro próximo, discutir-se-á, em Lagos, o tema “serviços educativos em espaços culturais”. É necessário partilhar ideias e experiências, reflectir e interrogarmo-nos sempre para sedimentar conhecimentos.

O futuro é já hoje e não temos muitas certezas.

(*) Antropóloga. Sócia da AGECAL